



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MÍRIAM PEREIRA FERNANDES

**O desafio do professor ensinar na sala de aula o que não aprendeu na academia**

Campina Grande – PB  
2014

MÍRIAM PEREIRA FERNANDES

**O desafio do professor ensinar na sala de aula o que não aprendeu na academia**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Inácio de Araújo Macêdo

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F362d Fernandes, Miriam Pereira

O Desafio do professor ensinar na sala de aula o que não aprendeu na academia [manuscrito] / Miriam Pereira Fernandes. - 2014.

28 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Inacio de Araujo Macedo, Departamento de Ceduc".

1. Prática Docente. 2. Teoria. 3. Reflexão. I. Título.

21. ed. CDD 371.1

MÍRIAM PEREIRA FERNANDES

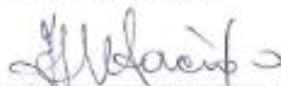
**O desafio do professor ensinar na sala de aula o que não aprendeu na academia**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

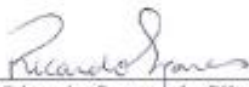
Aprovada em 19 / 07 / 2014.

Nota: 9,0 (Nove).

Banca Examinadora



Prof. Ms. Inácio de Araújo Macêdo / UEPB  
Orientador



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva / UEPB  
Examinador



Prof. Ms. Cléa Gurgão Carneiro / UEPB  
Examinador

Campina Grande – PB  
2014

Dedico este trabalho ao meu Deus que tanto me deu forças.

Ao meu amado esposo, João Paulo de Oliveira Barros, que dedicou paciência à minha ausência.

Ao presente que a vida me deu, meu filho, João Lucas Fernandes de Oliveira.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, coordenador do curso de Especialização, por seu empenho.

Ao orientador Ms. Inácio de Araújo Macêdo pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, a Dr<sup>a</sup>. Lindaci Medeiros, a Ms. Gisânia Alves, ao Ms. Inácio de Araújo Macêdo, a Ms. Eneida Dornellas, a Ms. Cléa Gurjão Carneiro e a Ms. Telma Farias que contribuíram ao longo de 12 meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB pela destreza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém”.

Paulo Freire

## RESUMO

Foi a partir de observações no meu trabalho, experiências vividas em sala de aula com os alunos, debates no decorrer do curso de especialização, que busquei construir este trabalho, em nenhum momento pretendi desmerecer o professor universitário e seu papel enquanto estimulador e direcionador desses “novos professores”, mas busquei mostrar que se as metodologias de ensino da universidade caminhassem de mãos dadas com as metodologias de ensino da educação básica, talvez tivéssemos muito mais resultados positivos para apresentar no que concerne à melhoria da qualidade de ensino no Brasil. Neste contexto, o primeiro capítulo busca mostrar a importância das teorias para o ensino, sabendo que o professor tem papel fundamental nesse processo. O segundo capítulo aborda a importância da prática para a realização de todo esse saber adquirido, pois é na sala de aula que construímos novos conhecimentos. Aqui, a teoria tem o papel fundamental de servir como base para essas novas descobertas. O terceiro capítulo aponta para a necessidade de refletirmos sobre nossa prática de ensino, sobre a importância de cada um nesse mundo pós-moderno, já que a dimensão política revela-se pela relação ética do educador com a realidade social mais ampla, pela busca de um relacionamento entre o que faz e a realidade do aluno, pela percepção de seu papel social e do papel social do aluno.

Palavras-chave: Teoria. Prática. Conhecimento. Reflexão. Mudança.



## ABSTRACT

Was from observations in my work experiences in the classroom with students, discussions during the course of specialization, which sought to build this work in no time intended to disparage the university professor and its role as sponsor and director of these " new teachers", but tried to show that the teaching methodologies of the university go by hand in hand with the teaching methodologies of basic education we might have more positive results to present as concern to improving the quality of education in Brazil. In this context, the first chapter seeks to show the importance of the theories for teaching, knowing that the teacher plays an essential role in this process. The second chapter discusses the importance of practice for the realization of all this acquired knowledge, it is in the classroom that created new knowledge. Here, the theory has a fundamental role to serve as the basis for these new discoveries. The third chapter points to the need to reflect on our teaching practice, the importance of each one in this post- modern world, since the political dimension is the ethical relationship the educator with the broader social reality, the search for a relationship between what is reality and the student, by the perception of their social role and social role of the student.

Keywords: Theory. Practice. Knowledge. Reflection. Changing.

## SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	A importância da teoria para o ensino	13
2.1	Ensinar exige comprometimento e ética	14
2.2	Ensinar exige preparo	15
3	A prática como realização do saber adquirido	18
3.1	O professor e o conhecimento	20
4	Refletir: é preciso!	22
4.1	O professor e o mundo pós-moderno	23
5	Conclusão	25
6	Referências Bibliográficas	26

## 1. INTRODUÇÃO

A presente monografia *O desafio do professor ensinar na sala de aula o que não aprendeu na academia* vem discutir sobre a importância para o professor de saber ensinar em sala de aula as teorias pedagógicas expostas em cursos de pedagogia e áreas afins. Tal análise surgiu de experiências vividas ao longo de cinco anos como professora do Estado da Paraíba, mais especificamente, nos municípios de Parará e Barra de Santana. Ousarei apontar para uma reflexão crítica sobre a formação de professores, a fim de buscar caminhos na construção de uma prática pedagógica que dialogue com a realidade da educação na Paraíba.

A Secretaria de Educação do Estado da Paraíba e a Universidade Estadual da Paraíba realizaram este curso de especialização, o qual nos proporcionou uma grande oportunidade para aprendermos novas metodologias, trocarmos experiências de nossa prática escolar e avaliarmos o nosso desempenho enquanto professores. Em meio a debates calorosos, compreendemos que, muitas vezes, a nossa prática em sala de aula difere de teorias aprendidas na academia, e que, infelizmente, ainda somos, mesmo que involuntariamente, reprodutores de um modelo educacional ultrapassado e ineficaz.

Cursos como este, de especialização, deveriam ser mais promovidos por parte do Estado, pois é aqui que trocamos conhecimentos, experiências, enfim, esta oportunidade desafia-nos a buscar melhorar nossa prática de ensino no anseio de construirmos uma educação diferente da educação que tivemos no ensino básico e na graduação. É preciso repensar os cursos de formação de professores e avaliar a relação entre as abordagens do processo ensino-aprendizagem com a prática pedagógica. As teorias não deveriam ditar como deveria ser a prática, mas aquelas deveriam ser construídas a partir destas.

O que lamentamos é que, muitas vezes, na universidade, os docentes tem acesso a vários instrumentos didáticos, o que facilita sua prática de ensino – salas climatizadas, laboratórios, material de apoio de qualidade, estrutura adequada; já nas escolas estaduais, tomando como base a escola que leciono, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Almirante Antônio Heráclito do Rêgo – Barra de Santana/PB, não oferecem estrutura adequada para um aprendizado mais qualificado. Há salas de aula superlotadas e mal

ventiladas, sem laboratórios de informática e de química, falta material de apoio. É diante dessa realidade que muitos alunos desistem no meio do caminho.

No curso de Licenciatura Plena em Filosofia, no qual fiz minha formação, passei a maior parte das disciplinas decorando os conteúdos, com poucas discussões em sala de aula, estes raros momentos de debates aconteciam nos componentes pedagógicos. Sentia-me desmotivada a praticar um modelo de ensino diferente daquele modelo tradicional, mas como praticar outra proposta de ensino se esta é a única prática que tenho visto, o velho método tradicional. Tive aulas com professores e “suas práticas tradicionalistas” desde o ensino fundamental, passando pelo médio e chegando ao ensino superior. Então percebo que estamos sendo conduzidos a seguir, enquanto professores formados, o velho método já praticado desde a época de nossos avós. Neste momento, usamos a velha desculpa: foi assim que aprendi a ensinar.

Não estamos falando de instrumentos de ensino porque são muitos recursos disponíveis como aulas audiovisuais, laboratórios, clínicas atualizadas. Mas tratamos de como o professor ajuda seu aluno a se promover como pessoa integrante de uma realidade sociocultural, dotado de ideias, emoções, desejos, profissão.

Na universidade, percebi que são ensinadas várias teorias sobre práticas de ensino, uma é a ideal, a outra é a usual; outra é a ultrapassada, então nos deparamos com um dilema: qual devo seguir? Aquele velho e ultrapassado modelo que vivi na fase colegial e que, muitas vezes, é multiplicada no ambiente acadêmico? A que está sendo proposta como ideal, mas não sei que realidade de escola vou encontrar? Aquela que é mais prática, que não vai exigir tanto de mim? Uma coisa é certa, o exercício da docência implica muitas vezes na intuição do que apenas no uso da razão pura e aplicada. Afinal, não há teoria sem a concretude, uma vez que para serem construídas, essas teorias careceram ser aplicadas e analisadas. Entretanto, não podemos cair na ingenuidade e afirmar que a prática é mais importante que a teoria, se uma surgiu antes da outra, em algum momento a primeira careceu da segunda.

Diante dessa realidade, nosso objetivo é abordar sobre os desafios que o professor enfrenta no dia a dia buscando construir uma educação de qualidade. Acredito que seja necessário o professor universitário repensar suas práticas de ensino, uma vez que, ser um bom profissional não é apenas dominar os conteúdos, mas ensinar seu alunado a dominar o saber também; conscientizar-se de que é por meio de seu trabalho que ele desenvolve

reflexões, problemas, soluções; afinal, o tripé que dá sustentação à universidade não é o ensino, a pesquisa e a extensão?

Foi a partir de observações no meu trabalho, experiências vividas em sala de aula com os alunos, debates no decorrer do curso de especialização, que busquei construir este trabalho, em nenhum momento pretendi desmerecer o professor universitário e o seu papel enquanto estimulador e direcionador desses “novos” professores, mas busquei mostrar que se as metodologias de ensino da universidade caminhassem de mãos dadas com as metodologias de ensino da educação básica talvez tivéssemos muito mais resultados positivos para apresentar no que cerne à melhoria da qualidade de ensino no Brasil.

Neste contexto, o primeiro capítulo busca mostrar a importância das teorias para o ensino, sabendo que o professor tem papel fundamental nesse processo, uma vez que sem ele não há essa construção da educação, haja vista que ser professor além de exigir preparo também exige ética e comprometimento. Enquanto formadores ou facilitadores dessa educação devemos ter uma postura capaz de exprimir para a sociedade nossa verdadeira importância, pois não há sociedade evoluída sem educação, e quando resolvemos investir na educação, estamos investindo no nosso país.

O segundo capítulo aborda a importância da prática para a realização de todo esse saber adquirido, pois é na sala de aula que construímos novos conhecimentos, descobrimos novos caminhos, enxergamos novos horizontes. Aqui, a teoria tem o papel fundamental de servir como base para essas novas descobertas. Neste capítulo reservei uma parte para tratar do professor e de seus conhecimentos adquiridos. Acho de suma importância que o mesmo estude, prepare-se para que sirva de inspiração para que os alunos busquem o saber. Não há docência sem prática, conteúdo e metodologia.

Já o terceiro e último capítulo aponta para a necessidade de refletirmos sobre nossa prática de ensino, sobre a importância de cada um (pais, alunos, professores, diretores, escola, governo, sociedade) nesse mundo pós-moderno, já que a dimensão política revela-se pela relação ética do educador com a realidade social mais ampla, pela busca de um relacionamento entre o que faz e a realidade do aluno, pela percepção de seu papel social e do papel social do aluno.

## 2. A importância da teoria para o ensino

As disciplinas pedagógicas ao longo de um curso de licenciatura abordam muitas teorias, não são poucas as vezes que nos sentimos receosos no que concerne à prática de ensino, uma vez que a vida acadêmica é bem distinta da educação básica. É diante deste paradigma que tememos não saber lidar com os alunos. Só a experiência permite tal desafio.

Acredito que o conhecimento do professor deve ir além do que são propostos pelos currículos acadêmicos, já que seu trabalho influenciará os alunos diretamente na sala de aula. Esta influência ou será estimuladora ou inibidora neste processo ensino-aprendizagem. Nóvoa (1995:25) defende que: A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas, sim, através de um trabalho de reflexividade crítica sobre práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal.

Neste contexto, percebemos a fragilidade da formação inicial dos professores. Se em cursos de pedagogia não há um estímulo para que este futuro profissional desenvolva habilidades como a crítica e a reflexão, então, abre-se uma lacuna no que concerne à reformulação e requalificação desse processo de ensino, haja visto que, para que eu possa transformar a minha realidade, faz-me necessário que eu a conheça mais de perto. Não posso tentar mudar algo baseado naquilo que só ouvi falar.

Segundo Pimenta (2000:16), esses cursos de formação pouco têm modificado a prática docente, haja vista que os mesmos não utilizam a prática docente e pedagógica nos seus contextos. Assim, servem apenas para ilustrar individualmente o professor à medida que não possibilita a articulação e a tradução de novos saberes em novas práticas. Infelizmente, há muitos professores realizando uma educação escolar política, estão preocupados apenas com os conteúdos. Aqui, talvez esteja o dilema do professor em se perceber como parte do problema.

Na universidade aprendemos conceitos, teorias, projetos pedagógicos, planos de ensino, processos de avaliação. É aqui que surgem os desafios entre os sonhos de cada aluno e a produção de conhecimentos científicos. Esta dicotomia, muitas vezes, acaba gerando muitos conflitos pessoais e de identidade nos discentes, uma vez que a grade curricular, em sua grande maioria, é composta por disciplinas específicas de cada curso, as matérias pedagógicas são poucas, o que acaba gerando uma sensação no aluno de despreparo. O aluno encontra-se

muitas vezes entre a cruz e a espada, pois as teorias da Pedagogia ensinam modelos adequados e almejados para o fortalecimento da educação, mas na prática o que ele percebe, na sua grande maioria, são docentes que não estimulam o diálogo, a linguagem é técnica e formal, as aulas são monótonas, as provas decorativas, não há muita clareza nos conteúdos, distanciamento entre alunos e professores.

## 2.1 Ensinar exige comprometimento e ética

Se o professor se conscientiza que a educação tem caráter formador e transformador, ele se compromete com o ensino ético e autêntico, busca estudar, se qualificar. A prática deve ser pensada de forma crítica e a teoria deve ser bem fundamentada a fim de promover essa análise, porque se não começarmos a repensar o que aprendemos na academia voltando este ensino para a prática, todo este conteúdo terá sido em vão.

Valorizo a necessidade das universidades investirem no humano, a fim de construir novas competências e um novo perfil profissional do corpo docente por meio de aperfeiçoamento de recursos humanos e de capacitação profissional. O pensamento de Severino (1986, p. 14) é bem adequado ao que estamos a abordar:

... A formação do educador deve levá-lo a discutir o significado da educação no contexto da vida social concreta, uma vez que ela, a educação, é fruto e deveria ser agente desta vida social e política (...). Além da qualificação técnico-científica e da nova consciência social, é ainda exigência da preparação dos professores uma profunda formação filosófica...

A academia também deve estimular atividades em grupo para que este futuro professor possa, também, trabalhar em equipe. Entretanto, o que vemos são cursos isolados, professores especialistas em áreas específicas, que não estimulam um diálogo com outras áreas do campo, conteúdos exclusivistas. Diante deste quadro, o que vemos são professores preocupados em desenvolver apenas seus conteúdos em sala de aula com os alunos, não há motivação para o desenvolvimento e ampliação desses horizontes, promover uma contextualização com outras disciplinas, um debate com seus colegas de trabalho. Talvez isso aconteça, ou por desinteresse deste profissional, ou por desmotivação já que não adianta ele tentar transformar sozinho essa realidade sem a ajuda de seus companheiros de profissão ou a contribuição do poder público, ou por despreparo, ele não vivenciou tal experiência na universidade.

O mundo globalizado exige habilidades dinâmicas e criativas, interação com diversos contextos, comunicação e argumentação lógica, capacidade de resolução de

problemas, enfim, há uma lista considerável de exigências. Talvez este seja o abismo que se abriu diante do processo educativo, o mundo mudou, o contexto social também, mas o sistema de ensino continua engessado com velhas teorias e práticas ultrapassadas. Defendo que os professores devem se apropriar de conhecimentos e práticas já existentes, para poder transformá-las, mostrando as possibilidades de minimizar as contradições presentes nos mais diversos contextos. Torna-se necessário que o professor busque a união da teoria com a prática, para a construção de sua prática docente individual e coletiva, a fim de alicerçar nessas ações a construção de seu saber fazer.

Infelizmente, ainda vivemos discursos falaciosos, sobre os quais vemos em poucos professores uma preocupação com o lado humano dos alunos universitários, são poucos espaços abertos na construção da relação professor-aluno, a sala de aula resume-se ao espaço físico e um tempo determinado em que o professor transmite conhecimentos aos alunos, não há uma aproximação entre a teoria e a prática.

A escola tem o papel de formação cultural e científica, mas este objetivo só será alcançado quando as políticas públicas resolverem investir melhor nas condições de funcionamento das escolas públicas, na qualificação de professores e no apoio de nossos alunos afim de que estejam preparados para enfrentar um mundo globalizado, de intensas mudanças tecnológicas e científicas. Libâneo (1995, p. 20) afirma:

Para isso, há muitas outras tarefas pela frente. É preciso resgatar a profissionalidade do professor, reconfigurar as características de sua profissão na busca da identidade profissional. É preciso fortalecer as lutas sindicais por salários dignos e condições de trabalho. É preciso, junto com isso, ampliar o leque de ação dos sindicatos envolvendo também a luta por uma formação de qualidade, de modo que a profissão ganhe mais credibilidade e dignidade profissional. Faz-se necessário, também, o intercâmbio entre formação inicial e formação continuada, de maneira que a formação dos futuros professores se nutra das demandas da prática e que os professores em exercício frequentem a universidade para a discussão e análise de problemas concretos da prática.

Acredito que seja necessário que o professor prepare-se para ensinar, tenha bons hábitos de leitura. Afirmo isso depois de ouvir alunos comentarem, em sala de aula, sobre este ou aquele professor que suas aulas são mecânicas, bancárias, ou que não sabem transmitir os conteúdos.

## 2.2 Ensinar exige preparo

Agora, é preciso que, como lecionador de determinado componente curricular, tenha-se certo domínio sobre os assuntos apresentados. É, por isso, que se torna



imprescindível que nos preparemos com planos de ensino, planos de aula, material qualificado e isto exige dedicação e tempo, esforço. Mas este é o caminho que temos que percorrer para não sermos vistos como mais um profissional sem mérito, despreparado, descomprometido com a educação.

O professor despreparado teoricamente teme que o aluno questione, analise, porque não sabe correlacionar o assunto apresentado com o contexto social. Infelizmente, há colegas nossos que não se avaliam criticamente, dão conteúdos fechados, mecânicos, aplicam provas de memorização, evitam questionamentos. Um determinado professor adoeceu, não pode comparecer na escola, então enviou as provas para serem aplicadas por outro colega, os alunos ao encontrarem dificuldades para responder a prova buscaram ajuda com um professor da mesma disciplina, entretanto, este docente não pôde auxiliá-los pois a prova exigia conhecimentos que só seriam vistos na academia. Este é um dos exemplos de que há colegas despreocupados com o que estão ensinando.

Penso que não seja errado reconhecer que não detemos todo o conhecimento. Ora, se o aluno fizer uma pergunta e o professor não souber responder, é preferível que este reconheça e comprometa-se com aquele a buscar a resposta, uma vez que não é aceitável o professor responder inverdades ou fazer afirmações duvidosas, só para não passar a imagem de que de nada sabe.

Defendo que devemos reconhecer nossa ignorância, não há pensamento ou teoria acabados, prontos. Somos seres inacabados em constante construção, portanto não detemos o pleno conhecimento e jamais poderemos passar ao nosso alunado a imagem de que somos uma “enciclopédia andante”, de que dominamos todo o conteúdo, que os discentes estão em sala de aula apenas para aprender com ele e que ele não carece aprender mais nada. Lembremos que o aluno não é uma folha em branco, ele já possui um conhecimento a priori.

Este comportamento mostra que o professor não tem autoridade, adquire a atenção dos alunos pelo medo, pela insensibilidade. Professor com tal comportamento não é encontrado apenas em escolas estaduais, mas também nas universidades. No decorrer do meu curso, passei por uma experiência parecida, o professor não permitia debates, nem intervenções, na hora da prova surgiam muitas dúvidas porque não eram esclarecidas durante a aula, fui reprovada na disciplina, especificamente no componente curricular Ética.

Meu bom senso me diz que não devo seguir o mesmo exemplo, que não preciso de um professor de ética para saber que devo respeitar a autonomia do meu alunado. O mesmo bom senso me faz perceber quando há algo de errado ou suspeito na sala de aula, também não me permite zombar quando um aluno tira notas baixas nas provas. Até porque

muitos alunos com notas baixas é um grande sinal de que este professor precisa avaliar sua metodologia e não significa que os alunos são “burros”. Veja o que diz Paulo Freire ( 1983, p. 27):

A segurança com que a autoridade docente se move implica outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estuda, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores cientificamente preparados mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.

Diante desta realidade, ousou afirmar que o desenvolvimento profissional deve caminhar de mãos dadas com o desenvolvimento pessoal a fim de formar professores autônomos, comprometidos com a mudança dos sujeitos envolvidos nesse processo: os alunos, engajados na transformação do contexto sociocultural desses indivíduos. Vale ressaltar que esse processo na busca desse desenvolvimento não é algo acabado, mas que está em permanente construção, é por isso, que há a necessidade do Estado investir em cursos de formação continuada, uma vez que, a formação é um processo complexo e dialético, infinito e contínuo e, que este profissional tenha possibilidades de promover essa emancipação. Libâneo ( 1995, p. 19) afirma:

Atitudes e práticas interdisciplinares, todavia, não são incompatíveis com a organização do currículo por disciplinas escolares que têm por base as disciplinas científicas, porque não há prática interdisciplinar sem a especialização disciplinar. O vício principal do currículo por disciplinas é reduzir o ensino à exposição oral dos conteúdos factuais e ao material informativo do livro didático, sem considerar o processo de investigação, os modos de pensar a que as disciplinas recorrem, a funcionalidade desses conteúdos para a análise de problemas e situações concretas para a vida cotidiana prática. É daí que se postula uma atitude interdisciplinar que mobiliza o professor a transitar do geral ao particular e deste ao geral, do conhecimento integrado ao especializado e deste modo ao integrado, do território da disciplina às suas fronteiras e vice-versa.

### 3. A Prática como realização do saber adquirido

Se a teoria requer um comprometimento do professor na busca pela melhoria na qualidade de ensino, a prática vai testificar este real e efetivo objetivo. Por isso, há a necessidade de que nos qualifiquemos para atuarmos na sala de aula sem qualquer temor ou receio. Creio que há muitos profissionais temerosos ou até desmotivados a se lançarem neste desafio: a busca pela qualidade e reconhecimento do ensino.

Ensinar é um trabalho artesanal, construído fio a fio. E como tal, muitas vezes temos que avaliar nossa obra, corrigir algumas arestas, fechar umas brechas, desfazer alguns pontos, mas sem jamais parar de tecer. Penso que ser professor não é apenas se formar na academia em um curso de licenciatura, é saber que mesmo diante de tantos desafios, ele não precisa se abater, porque deve buscar um meio ou forma de solucionar ou (ao menos) tentar vencer tantos obstáculos. Pimenta (2000, p. 19) afirma:

...constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas, também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também pelo significado de cada professor, enquanto ator ou autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, sindicatos e em outros agrupamentos.

Na maioria das vezes, o professor necessita enxergar seus alunos com um olhar mais humano, menos racional, menos profissional. Ele tem por desafio conhecer os problemas ocorridos em sala de aula, apesar de que dar conta de quase trezentos alunos, divididos em treze turmas, em apenas quarenta minutos de aulas semanais (como é o meu caso), é quase inviável. Mas, ainda assim, nesses poucos momentos é preciso atentar para as diferenças de gênero, de raça, de religião, de cultura, de meio social, a fim de promovermos uma inserção de todos nesse projeto: a educação.

Devemos, professores, ter o cuidado para não distorcemos essa relação professor-aluno, pois quando nos propomos a nos aproximar mais de nosso alunado, corremos o risco de sermos confundidos com outros personagens de suas relações interpessoais. O professor passa a ser visto como um colega, um pai, um confidente. A proposta não é essa,

uma vez, quando for necessário, o docente deve chamar a atenção de algo que está fora do eixo, para que não seja visto com sarcasmo.

No início do meu exercício como professora, ao abordar as teorias do filósofo Michel Foucault, senti a necessidade de promover um debate em sala de aula sobre sexualidade. Em meio aos questionamentos, fui interrogada por um aluno sobre minha vida sexual. Naquele instante, toda a classe ficou em silêncio, esperando minha atitude, constatei que era preciso encerrar o debate e assim o fiz, esclareci que o intuito daquela aula era desmistificar verdades e mentiras sobre o assunto em questão. Foi então que percebi quão frágil é essa relação professor-aluno. O professor pode ser humano, amigo, mas também atento para não “cair” em armadilhas como esta, temos que impor limites antes que percebamos qualquer comportamento insatisfatório de nossos alunos.

Ousarei perguntar: a academia nos prepara para a construção dessa relação professor-aluno? Percebo que, muitas vezes, nossa prática é construída o dia a dia com os nossos discentes. O convívio com os alunos, com os colegas, as trocas de experiências. O professor deve saber que em algum momento de sua prática ele vai errar, entretanto é preciso reconhecer seu erro. Se o fato atingiu alguém, mesmo que esse alguém seja o aluno, o discente deve apresentar suas desculpas, afinal, é errando que acertamos. Devemos atentar para o fato de que os alunos não são extensão de nós mesmos, eles possuem conhecimentos a priori, saberes sociais e capacidade cognitiva e que vão perceber o seu erro e sua atitude diante do mesmo.

São tantas cobranças, como adequação dos currículos, cumprimento da grade curricular, realização de avaliações, elaboração de planos de aula. A sociedade atual exige da escola uma adequação a sua nova forma de relação homem-trabalho. O Estado exige um ensino de qualidade, que promova a formação de cidadãos. Os pais esperam da escola a educação ideal, capaz de suprir os desafios pessoais. A escola busca professores comprometidos com a melhoria do sistema de educação. Os alunos além de preocupados com as notas, desejam concluir os estudos, a fim de obterem um diploma. E o Professor? Pimenta (2000, p. 41) enfatiza que:

... do trabalho docente demandou sua análise enquanto categoria geral – trabalho, e em sua especificidade – a docência. Construído no bojo da sociedade capitalista, o trabalho docente desenvolve-se e transforma-se, expressando em distintos momentos históricos, diferentes imagens e situações de sua profissionalização. O trabalho docente constrói-se e transforma-se no cotidiano da vida social: como prática, visa à transformação de uma realidade, a partir das necessidades práticas do homem social. A análise da prática docente teve como referencia a evolução histórica da docência, o conceito do cotidiano e o significado que este tem para o desenvolvimento ou alienação do homem.

À medida que o professor não se dispôr a tais exigências, então, não atenderá às necessidades para a prática de um bom ensino. Será apenas um profissional da educação programado para adestrar seus alunos a fim de atender às exigências sociais e econômicas de uma sociedade capitalista.

### 3.1 O professor e o conhecimento

O conhecimento não se resume a mera reprodução dos conteúdos, mas essa construção pede reflexão, criticidade, questionamento, contextualização. Afinal, como os alunos irão compreender sua realidade, se o que ele aprende na escola são conteúdos distintos de sua realidade, haja vista que a prática de ensino requer um movimento de troca entre o professor e o aluno, cada aula é uma nova oportunidade para essa dinâmica. O professor deve saber que toda proposta apresentada ao alunado gera uma reação que tanto pode ser favorável quanto contrária, mas que em cada oportunidade acontece uma aprendizagem.

Se a reação for contrária, penso que o discente não deve desistir de sua proposta, uma vez que o processo de aprendizagem exige do aluno um rompimento entre o que se acredita saber e o que de fato se aprende. Também há o desafio da comparação com a metodologia de outros professores, afirmo isto por passar por tal situação. Ao iniciar os trabalhos me propus a abrir mão de métodos tradicionais como aplicação de provas, avaliações cujas respostas seriam fechadas sem uma discussão, expor aulas dialogais, promover debates, enfim. Tal qual fui surpreendida com alunos indispostos a aceitar tal mudança, justificavam-se argumentando que não haveria possibilidade da proposta ocorrer de fato, pois de que adiantava uns professores abrir espaço para os alunos em sala de aula, se os demais não aceitavam, então seria melhor continuarem todos na mesma linha de metodologia.

Daí pensei na importância do professor resignificar sua prática docente, veja o que diz Paulo Freire (1996, p. 73):

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Acredito que a educação não dá um grande salto rumo às novas transformações exigidas pelo mundo globalizado, porque muitos professores ainda são apegados há velhos métodos cujos conteúdos são trabalhados segundo a visão do professor e não segundo o aluno. As teorias divergem da realidade, gerando desinteresse. Portanto, o professor deve ter consciência de sua autoridade em sala de aula, uma vez que é de sua competência ter domínio sobre os conteúdos lecionados, sobre a forma como transmiti-los, sobre sua autoridade sem autoritarismo, sobre a criação de um ambiente saudável para a realização de sua prática, respeitando e fazendo-se respeitar.

Percebamos que o ser humano é movido por sentimentos e os alunos vão agir na mesma proporção que são tratados. Diante do exposto, faz-se necessário que nós, professores, assumamos uma atitude reflexiva, analisemos nossas falhas e como elas refletem no cotidiano dos alunos; de outro modo, pensemos sobre a prática pedagógica realizada por nós professores, a fim de estabelecermos uma interconexão entre a prática gestora, a prática docente e a prática discente, para que possamos colher frutos favoráveis ao ensino-aprendizagem. Carecemos formar cidadãos críticos e conscientes, capazes de transformar sua realidade.

A docência envolve o professor e sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação. (GRILLO, 2004,78).

Sabemos que para promovermos essa mudança devemos investir no professor, principal agente transformador, pois se torna inviável tamanho passo com a falta de recursos para aquisição de materiais didáticos de boa qualidade, salas de aula adequadas às necessidades de professores e alunos, laboratórios equipados, instrumentos tecnológicos a disposição de todos, completo distanciamento da comunidade com a escola, falta de oportunidade para os alunos, cobrança e desvalorização do professor.

#### 4. Refletir: é preciso!

Lembro-me das aulas de história, quando os livros contavam apenas a história da humanidade e seus descobrimentos sem permitir ao aluno refletir e questionar, apenas aprender.

Hoje, como professora, percebo que o sistema de ensino continua caminhando na mesma direção com projetos de ensino e grades curriculares incontestáveis. Nós, como professores, não temos espaço para a refutação, nossa prática se baseia na difusão e na transmissão de valores, comportamentos, normas, regras, conteúdos e saberes inquestionáveis. O homem percebe que ao ser “educado”, ele se torna “adestrado” e propagador das leis que regem a sociedade, e que jamais ele será um agente transformador na sua comunidade. Quando nascemos o mundo e suas ordens já estão “prontas” e cabe a educação o papel de nos ensinar sobre elas.

Também penso que a sociedade imputa responsabilidades à escola, onde muitas dessas responsabilidades são da própria sociedade, dos pais, dos alunos, enfim. Se cada um, neste contexto, desenvolvesse seu papel, acredito que a educação e a sociedade estariam caminhando a passos largos. Jamais podemos cair na ingenuidade de afirmar ou acreditar que a escola sozinha dar conta de inúmeros desafios. Segundo Dermeval Saviani (1999, 94-95):

... Configura-se, aí, uma dependência recíproca: a educação depende da política no que diz respeito a determinadas condições objetivas como a definição de prioridades orçamentárias que se reflete na constituição-consolidação-expansão da infraestrutura dos serviços educacionais etc.; e a política depende da educação no que diz respeito a certas condições subjetivas como a aquisição de determinados elementos básicos que possibilitem o acesso à informação, a difusão das propostas políticas, a formação de quadros para os partidos e organizações políticas de diferentes tipos etc.

Ora, de acordo com a própria história, a educação e a política possuem interesses antagônicos, a primeira carece do poder, a última da verdade do conhecimento, e conhecer essas verdades pode ser que desperte o desinteresse pelo poder. Daí a necessidade do Estado depender da educação. Quem detém o poder sabe que esta é uma forma de manter as condições de superioridade e inferioridade.

Se procurarmos identificar de quem é a culpa ou quem tem a responsabilidade pelo fracasso ou sucesso da educação, veremos que todos tem uma parcela nesse contexto. A LDB nº 9394/96, promulgada em 20 de dezembro de 1996, distorceu a proposta de ensino, ao colocar o professor como principal responsável pelo fracasso da sociedade. Para a Legislação Educacional Brasileira, o professor tem o compromisso de transformar a educação no Brasil.

#### 4.1 O professor e o mundo atual

Se pensarmos bem, vamos constatar que diante das necessidades e exigências do mundo pós-moderno, a velha estrutura de poder entre Estado e educação não funciona. As tecnologias se entrelaçam com o humano, as ciências exatas carecem das ciências humanas e vice versa. Diante deste novo paradigma, como encontrar espaço para o autoritarismo do poder público e a alienação do sistema educacional?

Formar professores capacitados e comprometidos com a construção de uma educação transformadora deveria ser o principal objetivo do Estado, pois uma sociedade só evolui quando investe na educação. Haja vista que os desafios impostos pela sociedade globalizada e capitalista exigem profissionais cada vez mais qualificados e atualizados. Isto requer melhores condições de trabalho, de salário e de carreira, cursos de formação continuada. Insisto em dizer que o professor também tem o compromisso de buscar unir as teorias apresentadas na universidade às práticas em sala de aula, sempre redirecionando sua ação para a reflexão, e que este trabalho seja desenvolvido para a construção e desenvolvimento do aluno, a fim de que este possa sentir-se parte da sua realidade; deve também investir no trabalho coletivo, interdisciplinar, na escola – enfim, ser um pesquisador, um construtor, um transformador. Placco ( 1994, pp. 20-21a ) assegura que:

A dimensão política revela-se pela relação ética do educador com a realidade social mais ampla; pela busca de um relacionamento entre o que faz e a realidade do aluno; pela percepção de seu papel social e do papel social do aluno; pela busca de conhecer e analisar criticamente a realidade, buscando contextualizar o conteúdo programático e as formas de trabalho que desenvolve, para garantir a pertinência social de seus objetivos educacionais e sua responsabilidade diante da formação.

A dimensão humanístico-interacional revela-se pela relação sócio-afetiva e cognitiva que o educador busca construir entre ele e o aluno e entre o aluno-aluno, pela observação e pela busca de conhecimento de vida, do desenvolvimento e da aprendizagem do mesmo, pela preocupação em construir o grupo de educadores e educandos, garantindo um trabalho integrado e cooperativo na escola.

A dimensão técnica revela-se pelo conhecimento do educador em relação aos conteúdos e técnicas na sua área de trabalho; pela sua capacidade de planejamento e previsão, pela sua atitude avaliativa; pela preocupação em relacionar conteúdo e metodologia à realidade de vida do aluno, selecionando conteúdos e metodologias que sejam pertinentes.

Acredito que a educação deva ser o caminho que leve o homem a compreender sua própria história, sua inserção nessa dinâmica social, que ele possa ser visto de forma igual numa sociedade desigual; que homens e mulheres modifiquem seu meio através do sentir, do pensar e do agir, de modo que garantam seus valores, sua identidade, sua cidadania. A escola deve ser um lugar tanto para o aprendizado teórico quanto para a construção das relações



sociais e jamais ser entendida como um comércio cuja mercadoria é a educação; cujo comerciante é o professor.

Acredita-se que a escola deva oferecer liberdade tanto para os professores quanto para os alunos, mas que também deva conter disciplina e firmeza, a fim de que o sucesso seja criativo e confiável.

## 5. CONCLUSÃO

Para concluir esse trabalho, gostaria de lançar algumas propostas que visem efetivamente ao engajamento da teoria com a prática no cotidiano da sala de aula vivenciado por professores e alunos.

É preciso atentar para o fato de que quando o professor se compromete com o aluno, com uma educação de qualidade e consigo mesmo, ele cumpre o seu papel de norteador e facilitador nesse processo de ensino-aprendizagem. Sabemos que essa mudança de atitude, esse comprometimento, não garante a transformação da prática docente. De fato, a teoria valida a prática, mas sem uma busca constante no intuito de aprofundarmos ainda mais nosso conhecimento, essa teoria se torna inconsistente.

No curso de especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, percebemos através de debates que a mudança só acontece se deixarmos os conteúdos engessados e bancários, as aulas monótonas, os planos de aula discutíveis, a falta de material e de conforto de lado, e começarmos a desenvolver um trabalho mais humanístico, motivado, preparado, comunicativo, aberto. Muitas vezes, os alunos esperam nossas atitudes para darem o passo seguinte na busca pela construção de uma escola de valor.

Acredito que o professor deva estar disponível a mudanças de atitudes, de paradigmas, de valores. Avaliar-se constantemente, estar aberto ao diálogo com seus alunos na busca pela promoção de uma educação inclusiva e transformadora. É preciso nos conscientizar que a escola não é o espaço físico somente, mas a comunidade. E isto requer a participação da equipe pedagógica, dos professores, dos alunos e do pessoal de apoio, através de debates, reuniões, aulas de qualidade, atividades que envolvam a mesma de forma geral. A transformação carece de comunicação, de diálogo, de participação, de pertencimento, de enfrentamento aos problemas, de atitudes de liderança por parte dos gestores, de capacitação dos docentes para o trabalho em equipe. Pois, de que adianta o discurso competente, se a ação é blindada a mudanças?

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Maria I. da. Aula universitária: inovação e pesquisa. In: Leite, Denise B.C. e Morosini, Marília (Orgs.). *Universidade futurante*. Campinas: Papyrus, 1997.

ELLIOT, John. Recolocando a pesquisa-ação no seu lugar original e próprio in: Corina Maria, Grisolia Geraldi, Dario Fiorentini e Elizabete Monteiro de Aguiar Pereira (Orgs.). *Cartografias do Trabalho Docente: professor (a)-pesquisador (a)*. Campinas, SP. Mercado de Letras do Brasil, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 6ª ed. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: Nóvoa, Antônio (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote. 2ªed, 1995.

GRILLO, M. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D (Org.). *Ser professor*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. *O ensino de graduação na universidade: a aula universitária*. Disponível em: [http://www.fadep.com.br/restrito/conteudo/pos\\_gestaoambiental\\_o\\_ensino\\_de\\_graduacao\\_na\\_universidade.pdf](http://www.fadep.com.br/restrito/conteudo/pos_gestaoambiental_o_ensino_de_graduacao_na_universidade.pdf). Acesso em 21/03/2014.

\_\_\_\_\_. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. *Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia Pedagogos, Para quê?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MASETTO, Marcos T. Discutindo o processo ensino/aprendizagem no ensino superior. In: Marcondes, E. (Org.). *Educação Médica*. São Paulo: Saraiva, 1998.

MATOS, Junot Cornélio. Professor reflexivo? Apontamentos para o debate In: Corinta Maria Grisolia Geraldi, Dario Fiorentini e Elizabete Monteiro de Aguiar Pereira (Orgs.). *Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas, SP. Mercado de Letras do Brasil, 1998.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos da educação e ensino).

NÓVOA, Antônio (Org.). *Os Professores e a sua Formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PEREZ GÓMEZ, Angel. *Para compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, J. *Para onde vai à educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, 10ª ed.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). *Didática e formação de professores: Percursos e Perspectivas no Brasil e em Portugal*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. *Formação e Prática do Educador e do Orientador: Confrontos e Questionamentos*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SAVIANI, D. *Sentido da pedagogia e o papel do Pedagogo*. Revista da ANDE, n. 9: São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.- (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.5).

SEVERINO, Antônio Joaquim. Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel. *Pedagogia universitária*. São Paulo: Edusp, 2009. p. 129-146.

\_\_\_\_\_. *Educação, ideologia e Contra-Ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.